

A ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DE GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 6º ANO

Jean de Paula Sousa¹, Laine Milene Caraminan¹, Matheus Vinícius dos Santos²

¹ Mestrando (a) em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia – PGE, Universidade Estadual de Maringá – UEM.
jeandepaulasousa@gmail.com; caraminanlaine@gmail.com

² Graduado em Geografia, Universidade Estadual de Maringá – UEM. matheusvini.geo@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo propor uma nova organização didática para os conteúdos de Geologia e Geomorfologia no Livro Didático (LD) (ADAS E ADAS, 2015) do 6º ano. Para tanto, seguiu-se com a análise documental do LD, proposto por Lüdke e André (1986). Pudemos verificar a organização didática do LD, a linguagem utilizada de acordo com a faixa etária dos alunos, a pedagogização dos conteúdos, além da análise dos conteúdos de Geologia e Geomorfologia durante a formação do professor de Geografia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os resultados obtidos sugerem que os conteúdos enfatizados no LD não estão organizados didaticamente, apresentando imagens e mapas que não estão relacionadas com o conteúdo e palavras técnicas que não estão nos glossários. Considerando a formação do profissional em Geografia na UEM, foi visualizado que as disciplinas não abordam algumas temáticas, como as formas de relevo (montanhas, planaltos, planícies e depressões).

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores; Pedagogização dos conteúdos; Raciocínio geográfico.

1 INTRODUÇÃO

O livro didático (LD) por muitas vezes é o único material que o aluno possui a sua disposição para subsidiar a base de seus conhecimentos escolares, haja vista que as instituições escolares públicas reúnem alunos de diversas classes sociais, os quais podem possuir ou não o acesso a outros recursos didáticos (internet, livros complementares, jogos didáticos e outros).

Nesse sentido, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de organizar didaticamente alguns conteúdos vinculados à Geologia e Geomorfologia no LD de Geografia. Tal necessidade parte da experiência obtida no estágio à docência em Geografia, em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal, localizado no município de Maringá, Paraná.

Ao ministrarem aulas sobre os conteúdos vinculados à Geologia e Geomorfologia utilizando o LD, foram encontradas dificuldades quanto ao ordenamento dos mesmos por parte dos estagiários e também dos alunos, isso porque práticas de “ir e voltar” várias vezes dentro de uma mesma unidade do LD foram necessárias à compreensão lógica de cada conteúdo focado. Partindo dessa perspectiva, o trabalho tem como objetivo principal propor uma nova organização didática para os conteúdos de Geologia e Geomorfologia, tendo como recorte documental os Percursos 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18 do LD Expedições Geográficas (ADAS e ADAS, 2015) do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2017-2019.

No que se refere à esfera didático-pedagógica, cada vez mais se pretende estudar e compreender as formas e processos em que o ensino-aprendizagem da ciência geográfica é concretizado, isso porque, o ensino é uma prática social e de certa forma, a aprendizagem se configura como complemento desta.

Sacristán (1999) afirma que o ensino é uma prática social, pois ocorre na interação entre professor e aluno, a qual reflete a cultura e as características sociais do meio em que estes estão inseridos. Logo, a forma como é trabalhado os conteúdos e construído o conhecimento com os alunos torna-se imprescindível para uma educação mais democrática e comprometida na luta contra a repetência e a exclusão social (KAERCHER, 2003).

Ao praticar a Geografia escolar, o professor deve-se apoiar em diversos recursos didáticos (PONTUSCHKA, 2001; AZAMBUJA, 2014), sendo o livro didático escolar, um dos mais requisitados pela comunidade. Contudo, estes LDs por vezes podem apresentar diversas limitações no que tange os conteúdos, isso porque são produzidos em uma escala nacional, deixando de focar conteúdos geográficos sobre as realidades regionais/locais (SANTOS e ALBUQUERQUE, 2014).

É nesse sentido que Pontuschka, (1984) sugere que o LD deva partir do “meio vivido” pelo aluno, fazendo com que a escala de análise local se torne um recurso para o ensino e a aprendizagem da Geografia. Contudo, na maioria das vezes, estas sugestões não podem ser acatadas, devido principalmente ao obstáculo na produção de livros próprios para cada espaço geográfico.

Apesar da variedade de materiais curriculares existentes no ambiente escolar, o livro didático é tido como uma obra de referência para os professores e alunos, apresentando-se como um recurso didático que transforma a produção científica em escolar. Nesse sentido, o LD tornou-se um instrumento pedagógico significativo no processo ensino-aprendizagem, pois por vezes, é o único material didático a que professores e alunos têm acesso e, portanto, importa-se à qualidade desse material (CARNEIRO, SANTOS e MÓL, 2005).

Azambuja (2014) ressalta que o LD é parte do ambiente escolar e, quando utilizado como manual de estudo, inclui o conteúdo-forma das disciplinas escolares trabalhadas na Educação Básica. Nesse sentido, é importante que o LD apresente uma sequência lógica dos conteúdos, uma vez que estes orientam e subsidiam diretamente o planejamento das aulas pelos professores, influenciando em diversas modalidades organizativas que poderão potencializar a aprendizagem dos alunos. Além disso, a organização dos conteúdos deve contribuir para a construção de um pensamento geográfico encadeado, ou seja, que apresente uma ordem para a aprendizagem conforme o objetivo de cada conteúdo.

Megid Neto e Francalanza (2003) discorrem que a grande maioria dos professores que utilizam o LD em suas aulas, realizam adaptações nas coleções didáticas na tentativa de moldá-las à realidade escolar de cada instituição. Nessa mesma perspectiva, Silva e Sampaio (2014) relatam que a “ordem” dos conteúdos no LD não deve ser obrigatoriamente seguida pelo professor, ao ponto que o mesmo pode modificar a sequência dos conteúdos em sala, ação associada à autonomia dos docentes em sua prática pedagógica. Por outro lado, partindo do princípio de que o LD também é um recurso utilizado pelos alunos tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar, a reordenação dos conteúdos nesse último caso (ausência de professor) poderá dificultar a compreensão dos alunos e posteriormente, comprometer a aprendizagem dos mesmos, ao ponto que estes deverão fazer o esforço de organizar o conteúdo mentalmente.

No que diz respeito aos conteúdos relacionados à ciência geológica, Furlan (2018) relata que geralmente os LDs dispõem de conteúdos fragmentados e por vezes expressam-se através de uma abordagem abstrata, sobrepondo temáticas que exigem um ordenamento da cronologia dos fatos, isso porque tais fenômenos possuem uma “sequência” de ocorrência na natureza, tendo necessariamente de serem abordados a partir de uma “ordem lógica”, principalmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Silva (2013) nos destaca outro ponto de suma importância para a compreensão desses conteúdos, justamente devido a sua abstração, os mesmos devem ser abordados de modo acessível e didático. O autor afirma que não se deve dissociar a linguagem acadêmica da dinâmica escolar, uma vez que o vocabulário científico se manifesta com grande importância. Entretanto, deve-se usar uma abordagem mais sutil dos termos técnicos, inserindo-os paulatinamente na realidade de seus alunos. Esse processo somente pode ocorrer se o professor detiver o domínio dos conteúdos, sendo o conhecimento teórico é essencial à prática do ensino.

O professor juntamente com a instituição escolar deve pensar a Geografia como disciplina responsável pela compreensão do espaço geográfico, mas ainda, que compreenda sua existência e função na sociedade, preparando o indivíduo para as mudanças futuras, despertando visões reflexivas, flexíveis, críticas e criativas.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização do presente artigo está relacionada às inferências críticas sobre os conteúdos abordados no LD em questão, baseada em uma análise qualitativa em educação, a partir da análise documental, como verificado em Lüdke e André (1986). Nesse sentido, sistematizamos uma sequência coerente para o estudo documental: I) escolha do material a ser analisado; II) recorte documental do material; III) escolha do enfoque para a interpretação do material; IV) análise do material documental e V) nova organização do material.

O material escolhido para análise documental foi o LD de Geografia, de Adas e Adas (2015), intitulado Expedições Geográficas, destinados aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da rede pública de ensino. Este livro faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), vigente entre os 2017 e 2019.

O LD possui 8 unidades, as quais contemplam 32 percursos, destes, serão analisados e sequenciados os Percursos 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18 que estão inseridos nas Unidades 3, 4 e 5 (A Terra: aspectos físicos gerais e o relevo continental: agentes internos, respectivamente), conforme a Tabela 01.

Tabela 1: recorte documental (percursos) do LD (ADAS e ADAS, 2015)

Unidades	Percursos
3- A Terra: aspectos físicos gerais	12. Teoria da deriva continental e das placas tectônicas (p. 96)
4- O relevo continental: agentes internos	13. As formas de relevo continental e os agentes do modelado (p. 106) 14. Os dobramentos (p. 114) 15. As falhas e os terremotos (p. 120) 16. O vulcanismo (p. 126)
5- O relevo continental: agentes externos	17. A ação do intemperismo e das águas correntes e oceânicas sobre o relevo (p. 136) 18. A ação do vento, das geleiras e dos seres vivos sobre o relevo (p. 146)

Elaboração: autores

O recorte documental analisado abrange o percurso 12 ao 18, contemplando parte da Unidade 3, toda a Unidade 4 e parcialmente a Unidade 5 do LD. O enfoque para análise e interpretação do material foi didático-pedagógico, tendo como pontos principais a verificação da organização didática, linguagem utilizada para a faixa etária dos alunos (10 a 11 anos), pedagogização dos conteúdos, além da análise dos conteúdos de Geologia e Geomorfologia tidos durante a formação do professor de Geografia na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e aqueles que foram ministrados durante as práticas de estágio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA DOS CONTEÚDOS DE GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA

O livro didático utilizado nas práticas de regência dos autores foi o Expedições Geográficas, de Adas e Adas (2015). Foram ministradas em sala, parte final da Unidade 3,

abrangendo o percurso 12 e a Unidade 4, com os percursos 13, 14, 15, 16, 17 e 18. A Unidade 5 não foi ministrada, contudo, foi adicionada parte desta na presente análise, pois se verifica como parte constituinte do conteúdo enfatizado no trabalho. A organização didática apresentada no LD está presente na Figura 01.

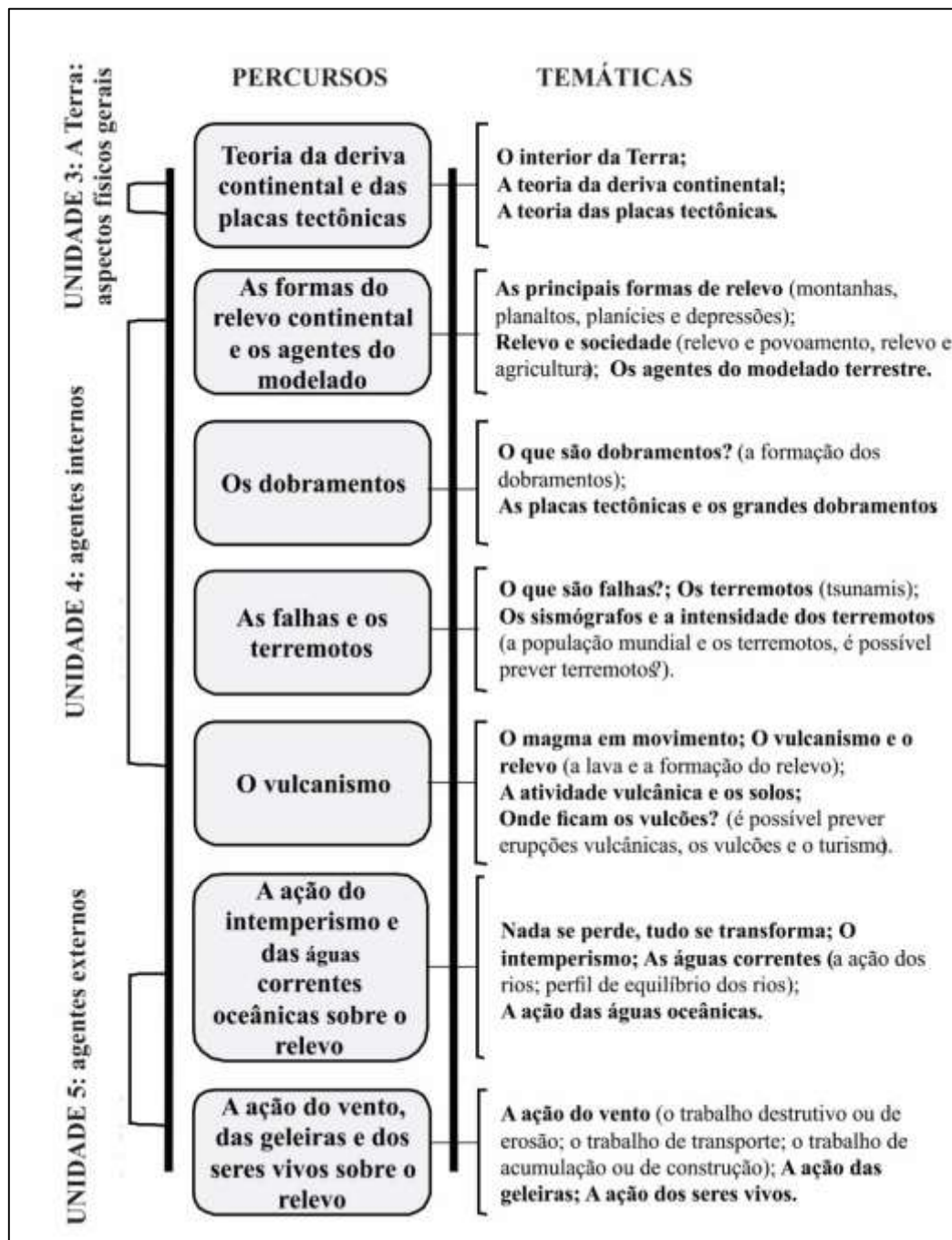


Figura 1: sequência dos conteúdos presentes no livro Expedições geográficas (ADAS e ADAS, 2015)

Elaboração: Autores

O percurso 12 intitulado como Teoria da deriva continental e das placas tectônicas abrange as temáticas relacionadas a estes assuntos e ao interior da Terra. Esse percurso apresenta uma adequada estrutura, contemplando diversas imagens ilustrativas do conteúdo, material de suma importância para as aulas de Geografia. Esta afirmação foi possível devido à experiência tida em sala com os alunos, que se mostraram interessados pelos mapas e imagens contidas no LD, e conseqüentemente, foi possível auxiliar estes à

realização de leituras cartográficas, fato essencial para a edificação do conhecimento geográfico. No decorrer das aulas, foi notado que o conteúdo presente no LD sobre as placas tectônicas não aborda os movimentos das placas (divergente, convergente e transformante) que é um dos conteúdos base para compreender os eventos de tectonismo, terremotos, tsunamis e outros. Neste caso, sugerimos que o professor esteja atento com os conteúdos do LD, ao ponto que terá que utilizar novas ferramentas didáticas para suprir as limitações do material.

O percurso 13 (As formas do relevo continental e os agentes do modelado) encontra-se deslocado em relação a sua ordem didática no livro, tendo em conta que o percurso aborda as principais formas de relevo (Montanhas, Planaltos, Planícies e Depressões) antes mesmo de elucidar a respeito dos agentes externos, que são elementos importantes para a compreensão da formação dos relevos.

A proposta elaborada pelo LD contempla os agentes externos somente no percurso 17 e 18 (A ação do intemperismo e das águas correntes oceânicas sobre o relevo/A ação do vento, das geleiras e dos seres vivos sobre o relevo, respectivamente), deixando lacunas na organização didática dos conteúdos. Como experiência considerada pelos autores, foi realizada a organização desses conteúdos para que se pudesse ministrá-los de maneira coerente, tendo em vista que a construção desse conhecimento ocorre fundamentada em uma ordem de acontecimentos. Além disso, foi notado que o percurso 14 (Os dobramentos) está mais bem relacionado com o Percurso 12, o qual aborda o movimento das placas tectônicas e correntes de convecção, processos estes que alteram o relevo e acarretam em diversos fenômenos, dentre eles os dobramentos e falhas.

Ao considerar que os percursos acima citados se estruturam de modo incongruente, uma nova proposta fora elaborada à luz dos conhecimentos dos autores e das experiências obtidas durante a realização do estágio à docência com a turma do 6º ano. Essas competências foram fundamentais para a organização dos conteúdos de Geologia e Geomorfologia ministrados. Neste caso, foi possível perceber que mesmo com a presença de professores em sala auxiliando durante a realização das atividades e até mesmo de leituras no LD, existe uma dificuldade dos alunos para a compreensão dos conteúdos quando estes não se encontram ordenados. Hipoteticamente, a ação de abrir a “página 120” e na próxima aula retornar para a “página 107” é uma situação que dificulta o desenvolvimento de um raciocínio geográfico que permite a compreensão dos conteúdos.

A Figura 02 mostra a nova proposta de organização didática dos conteúdos. A sugestão desta nova organização parte do princípio de que os conteúdos devem ser abordados com os alunos levando em consideração uma sequência de ocorrência dos fenômenos geológicos e geomorfológicos, fato que não está evidenciado na organização proposta por Adas e Adas (2015).

A nova organização didática dos conteúdos proposta é composta por apenas duas Unidades (4 e 5). Estas Unidades apresentam sete percursos, estando sequenciados da seguinte forma: os agentes do modelado: internos e externos, tectonismo, vulcanismo, terremoto; agentes externos: processos envolvidos, ação das águas, ventos e dos seres humanos, as formas de relevo e ação humana.

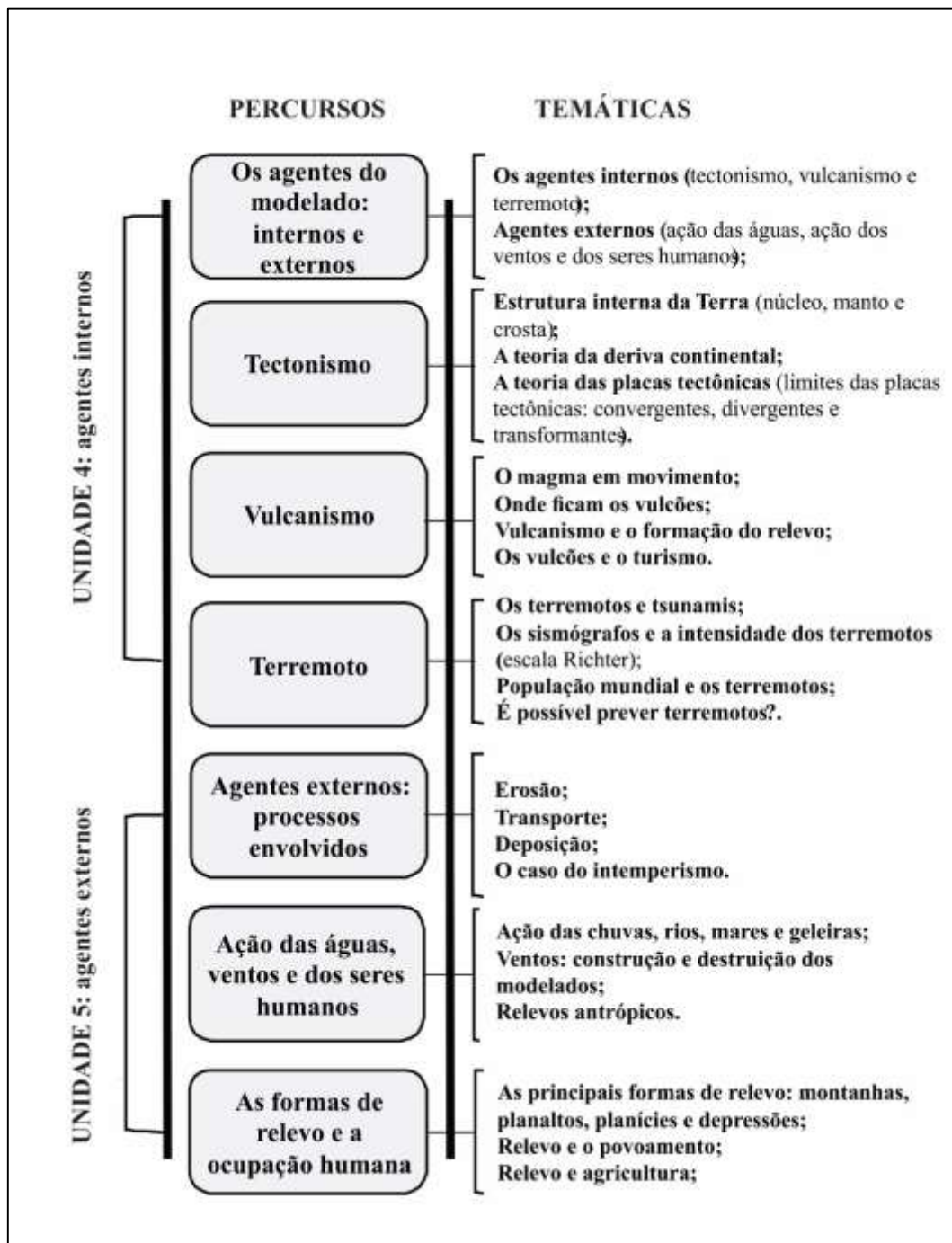


Figura 2: nova organização didática dos conteúdos (proposta dos autores)

Elaboração: Autores

O Curso “os agentes do modelado: internos e externos” traz uma breve introdução sobre os principais agentes internos e externos responsáveis pela modelagem do relevo. Neste caso, para os agentes internos são enfatizados o tectonismo, vulcanismo e terremoto, e para os agentes externos são abordados a ação das águas, dos ventos e dos seres humanos no relevo.

Nos Percursos “Tectonismo”, “Vulcanismo” e “Terremoto” são abordadas as principais dinâmicas associadas à estes fenômenos. Inicia-se com a temática sobre a Estrutura Interna da Terra, definindo as suas camadas (núcleo, manto e crosta) para que posteriormente abordem-se a teoria da Deriva Continental e das Placas Tectônicas. Em sala, a temática estrutura interna da Terra foi um conteúdo base para os alunos, uma vez

que as demais temáticas foram explicadas sempre a partir dessas estruturas que compõem o planeta Terra.

As temáticas contidas no Percurso “Tectonismo” possibilitaram a compreensão deste fenômeno a partir da movimentação das camadas internas da Terra. Outro aspecto importante foi a distribuição geográfica da atividade vulcânica pelo globo, enfatizando o acontecimento desta em áreas continentais e oceânicas. Neste momento, os relatos dos alunos sobre a atividade vulcânica são de extrema importância para a compreensão do processo. Este Percurso contribuiu para a associação entre a estrutura presente nos vulcões e as formas de relevo visualizadas na superfície terrestre, além de permitir inferências sobre como essas formas de relevo são exploradas pelas atividades turísticas. Pode-se ainda, abordar as formas associadas à atividade vulcânica já ocorrida na América do Sul e no Brasil.

No caso do Percurso “Terremotos”, é possível inferir sobre a movimentação da crosta e suas consequências, as quais são visualizadas com impactos nas sociedades. Além disso, é preciso enfatizar que existem diferenças entre os fenômenos de terremotos e tsunamis. A partir dessa abordagem, é necessário que os alunos saibam quais as principais formas para se medir os eventos de terremotos. A escala Richter foi abordada e exemplificada, principalmente por meio de figuras que retrataram áreas afetadas pelos terremotos. Buscando a interação entre a natureza e a sociedade, os autores buscaram estudos de caso sobre um evento de terremoto já acontecido no Japão. Alternativas podem ser utilizadas, trazendo para a realidade dos alunos, podendo também relatar como o poder público lida com estes acontecimentos, bem como as políticas públicas e medidas mitigadoras relacionadas. Por fim, foi importante esclarecer para os alunos, como podem ser previstos esses eventos, a partir do avanço da tecnologia e de pesquisas científicas realizadas por pesquisadores nacionais e internacionais.

No caso dos Percursos “Agentes externos: processos envolvidos”, “Ação das águas, ventos e dos seres humanos” e “As formas de relevo e a ocupação humana”, o objetivo é que o aluno consiga compreender de maneira clara e direta, quais são os principais processos que ocorrem na natureza que contribuem para a modelagem do relevo, como é o caso da erosão, transporte e deposição dos sedimentos. “O caso do intemperismo” contribui para a compreensão sobre as transformações que ocorrem nas rochas e que também modificam o relevo terrestre, portanto, para que essas transformações ocorram é necessária a ação de alguns agentes, como é o caso das águas, ventos e até mesmo dos seres humanos.

Como resultados da ação dos agentes internos e externos no relevo, têm-se então as formas de relevo. Dentre as principais e mais conhecidas pela Geografia escolar, são citadas as montanhas, planaltos, planícies e depressões. Aqui, devem-se enfatizar as características de cada forma, sempre lembrando os conteúdos estudados anteriormente, para que se compreendam as dinâmicas associadas.

3.2 CARACTERÍSTICAS DOS CONTEÚDOS DE GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA DO LD

O LD de Adas e Adas (2015) é um dos livros que mais apresenta imagens e mapas nos Percursos quando comparado com outros livros que também são utilizados no estado do Paraná. Contudo, é preciso analisar cuidadosamente a disposição dessas figuras, assim como sua qualidade e sua necessidade no decorrer da explanação dos conteúdos no LD. Assim como falta a complementação em algumas temáticas, como já supracitado, também faltam figuras que realmente abordem didaticamente os conteúdos. Recomenda-se pensar anteriormente sobre o público alvo e quais as melhores formas de abordagem e exemplificação dos conteúdos de Geologia e Geomorfologia através de imagens na

disciplina de Geografia. Neste caso, importa-se mais com a qualidade das figuras e a sua relação com o conteúdo, do que com a quantidade de imagens “soltas” que podem gerar interpretações ambíguas.

Outro ponto que merece destaque para se pensar sobre o ensino-aprendizagem em Geografia é a utilização de palavras técnicas que estão presentes nos LDs. No LD de Adas e Adas (2015), poucas palavras que são do vocabulário técnico da Geologia e da Geomorfologia são utilizadas e quando o são, não apresentam significado (glossário) ou ainda, quando o apresentam, não esclarecem objetivamente o real significado. Os principais exemplos encontrados foram: fóssil, escarpa, enxurradas, gargantas, desfiladeiros, terraços, maleável, sismoresistentes, desagregação, paleontólogos, detritos, torrentes, acumulação fluvial, nível hidrostático, etc.

Por vezes, a presença de palavras técnicas pode ser um empecilho para a compreensão dos textos pelos alunos quanto à ausência do professor. Neste caso, é necessário que o LD traga um glossário estruturado, de fácil compreensão, para que o aluno não perca o ritmo da leitura, possibilitando uma atividade mental elaborada e contribuindo para a assimilação dos conteúdos. Por outro lado, a presença de palavras técnicas é essencial para o aumento do vocabulário dos alunos, principalmente o geográfico. É aos poucos que o conhecimento geográfico vai sendo construído, por meio de leituras, atividades de fixação, inserção de novas palavras técnicas, interpretação de imagens, mapas, gráficos e outros mais.

3.3 A DISTÂNCIA ENTRE A GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA ACADÊMICA E A ESCOLAR

Os conteúdos de Geologia e Geomorfologia contemplados no LD de Adas e Adas (2015) são conteúdos científicos que foram transformados em conteúdos escolares, visando atender os requisitos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nesse sentido, foram analisados os conteúdos de Geologia e Geomorfologia do LD e os conteúdos presentes na grade curricular do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), buscando evidenciar as relações existentes ou não entre os conteúdos apreendidos pelos alunos de Geografia na Universidade e os conteúdos que são essenciais ao exercício da prática docente em sala de aula, principalmente com ênfase no Ensino Fundamental II e o Ensino Médio.

Neste caso, Shulman (2014) sugere que o professor deve transformar a compreensão de um conteúdo, habilidades didáticas ou/e valores em ações e representações pedagógicas. As ações e representações são verificadas pelo jeito de falar, mostrar, interpretar ou representar ideias, possibilitando aos que não sabem, saber; aos que não compreendem, compreender; e aos não qualificados, se qualificar. Além disso, o ensino começa com o professor entendendo o que deve ser aprendido e como deve ser ensinado. Portanto, deve-se atentar para a formação qualificada do professor e posteriormente, para a profissionalidade.

Na Universidade, os alunos durante sua formação acadêmica cursam várias disciplinas de acordo com a grade curricular de cada curso superior. Na Geografia, a grade curricular da habilitação licenciatura plena contempla os conteúdos da Geografia física, humana e também do ensino, cada qual com suas especificidades e objetivos, mas em um contexto amplo, o objetivo principal é a formação de profissionais qualificados para atender as demandas do sistema de ensino, com ênfase na atuação em sala de aula (professores).

No que tange os conteúdos da Geografia física, a disciplina de Geologia contempla temáticas semelhantes àquelas que devem ser ministradas pelos professores do Ensino Fundamental e Médio, como por exemplo: a formação da Terra, a teoria da deriva continental, a teoria das placas tectônicas, os agentes do relevo, vulcanismo e terremotos,

possibilitando aos futuros professores, o embasamento teórico-científico para o desenvolvimento de suas aulas.

As disciplinas de Geomorfologia Estrutural e Geomorfologia Climática, Fluvial e Litorânea abordam temáticas voltadas ao desenvolvimento da pesquisa científica, isso porque, no decorrer dessas disciplinas, são enfatizados processos dos fenômenos geomorfológicos, tais quais contam nas Ementas 9352 e 9354: os domínios geológicos e os relevos associados: Tabuliformes, Cuestiformes, Hog Back, Jurássicos, Apalacheanos e em estruturas falhadas; Dinâmica costeira: formas, processo e evolução; Teoria e modelo de evolução das paisagens: os modelos de William Morris Davis, *Walther Penck* e *Lester C. King*, *J. Hack*, *J. Wayland* e *J. Büdel*. Sendo assim, nessas disciplinas não são contemplados, por exemplo, as principais formas de relevo, como as montanhas, planaltos, planícies e depressões, conteúdos esses de suma importância e amplamente abordados pelo LD durante o Ensino Fundamental e Médio. Neste caso, os professores de Geografia devem buscar novas abordagens que contemplem didaticamente os principais processos, além da necessidade de compreender os conteúdos que não tiveram durante a graduação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa evidencia-se a pertinência da qualidade das informações expressas no LD, tendo em vista seu destaque como material didático mais difundido entre o sistema de ensino de Brasileiro, além de sua relevância como auxílio para professores de todos os níveis do ensino base.

Quanto à organização dos conteúdos didáticos de Geologia e Geomorfologia, considerou-se que o LD de Adas e Adas (2015) não apresenta uma ordem didática dos conteúdos nas Unidades (3, 4 e 5), comprometendo a fluência das aulas, além de dificultar o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento geográfico. Nesse sentido, é proposta uma nova organização didática dos conteúdos permitiu a reorganização das unidades presentes no LD, priorizando a ordem dos fenômenos, associando-os com seus respectivos processos naturais, corroborando desta forma para uma maior fluidez dos mesmos, além de enfatizar a presença do ser humano como agente externo na formação do relevo.

A respeito das características do livro didático, evidenciaram-se pontos positivos e negativos do mesmo segundo a ótica dos autores desse trabalho. Neste caso foi considerada a quantidade e qualidade das imagens expostas no LD, e a necessidade da inserção de novas figuras. Além disso, foram identificados termos técnicos com a ausência de um glossário, situação que dificulta o processo de assimilação do conteúdo.

Outro fator evidenciado durante a pesquisa foi a distância existente entre os conteúdos acadêmicos e escolares, uma vez que a abordagem dos processos de formação do relevo apresentados durante a graduação não contempla as principais formas de relevo trabalhadas pelo Ensino Fundamental e Médio.

De modo geral se faz necessário que os recursos didáticos apresentem uma qualidade didático-pedagógica e também de conteúdos para que não comprometa o processo de ensino-aprendizagem das disciplinas, neste caso, a Geografia. Além disso, deve-se ter cuidado na formação do profissional professor, associada a outras condições, para que se obtenha um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS

ADAS, M.; ADAS, S. **Expedições geográficas**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

AZAMBUJA, L. D. O livro didático e o ensino de Geografia no Brasil. **Revista Brasileiro de Educação em Geografia**. Campinas, v. 4, n. 8, p. 11-33, 2014.

CARNEIRO, M. H. S.; SANTOS, W. L. P.; MÓL, G. S. Livro didático inovador e professores: uma tensão a ser vencida. **Ensaio: pesquisa em educação em ciências**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 1-13, 2005.

FURLAN, T. Z. **Análise semiótica das representações didáticas das placas tectônicas no ensino de Geografia**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

KAECHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 11-21.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEDIG NETO, J.; FRACALANZA, H. O livro didático de ciências: problemas e soluções. **Ciência e educação**, v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003.

PONTUSCHKA, N. N. A Geografia: ensino e pesquisa. *In*: CARLOS, A. F. (org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto. 2001, p. 111-142.

PONTUSCHKA, N.N. **Estudo do meio: a região de Piracicaba**. 2º Grau. Orientação, São Paulo, n. 5, p.37-43, out. 1984.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999, p.63-92.

SANTOS, V. M. A.; ALBUQUERQUE, A. R. C. O uso do livro didático como instrumento pedagógico para o ensino de Geografia. **Estação científica: Macapá**, v. 4, n. 1, p.63-77, 2014.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec: São Paulo**, v.4, n.2, p.196-229, 2014.

SILVA, B. A. Dificuldades metodológicas no ensino de Geologia. *In*: VIII Semana Acadêmica e VIII Expedição Geográfica: Ensino, Práticas e Formação em Geografia. 2013. **Anais [...]**. Marechal Candido Rondon: UNIOESTE, 2013.

SILVA, L. M.; SAMPAIO, A. Á. M. Livros didáticos de Geografia: uma análise sobre o que é produzido para os anos iniciais do ensino fundamental. **Caminhos de Geografia: Uberlândia**, v.15, n. 52, p. 173-185, 2014.